

# O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

---

Não se encontram por toda a parte senão cynicos de face austera. Aquelle, que ahi vêem a flagellar o vicio, é um dos mais infames da cafla dos corruptos.

*Novidades*, 25 de fevereiro de 89.

— *Carta ao sr. Hintze Ribeiro.*

O sr. Hintze Ribeiro, quando não tem mais pontapés a archivar de lord Salisbury, nem mais viscondes de Faria para fazer d'elles fiscaes de consulados nas cinco partes do mundo—passa as horas insinuando nos seus jornaes (no *Correio da Manhã* do sr. Chagas e no *Dia* do sr. Ennes) que eu lancei o **Espectro**... porque o governo não quiz comprar a minha penna!

Este ministro dos estrangeiros, cuja austera sobrecasaca de ferro nunca ninguem diria que envolve o maior patusco d'estes reinos—está de tal modo acostumado a fazer o trafico dos jornalistas, que já não vê de todos os lados senão pennas que se querem vender! E quando alguma se não vende, manda logo insinuar no *Correio* e mais no *Dia* que, se a não tem ao seu serviço, é porque o preço lhe não



conveio, desequilibrando-lhe os fundos secretos do ministerio...

Este sr. Hintze lembra-me certo D. Juan indigena, com tendencias a engraçado que, ao vêr uma mulher bonita passar pelo braço do marido, logo insinuava aos companheiros d'adulterio:

— Aquella que alli vae, quando eu quizer é minha...

— ???...

— Até já temos meio caminho andadõ. Eu cá por mim quero... Agora só falta ella querer!...

O sr. Hintze tambem já diz pelas redacções que me compra... A questão está agora em eu me querer vender!

\*  
\* \* \*

Muitas vezes me disseram que era mais perigosa a frequencia de certos ministros, do que a frequencia de certos criminosos. Nunca quiz acreditar na maxima.

Começo agora a perceber que o contacto ministerial e conselheirissimo é dos mais perigosos que pôde haver, e dos mais prejudiciaes para a nossa honra.

Tu fallas com um ministro: logo és um vendido! E se não é o mundo que o diz, é o ministro que o apregoa. Porque os politicos estão de tal modo habituados a resolver assumptos pouco limpos, que até pensam que todos quantos os aproximam são fatalmente sujeitos profundamente sujos.

E' uma questão de ponto de vista — *regenerador!*

\*  
\* \* \*

Ora tratemos de destruir em breves linhas a insinuação do *Correio da Manhã*, mais do *Dia*, quan-



do affirmam que antes de lançar o **Espectro** eu procurei vender a minha penna a este governo. Desvendemos o crime!

Começava auspicioso o anno de 1890—como diria o sr. Pinheiro Chagas—quando a 11 de janeiro lord Salisbury applica ao governo portuguez aquella phenomenal parelha de coices que em estylo diplomatico se chama—um *ultimatum*.

Os desarranjos que ella causou no organismo da politica portugueza todos o sabem, não só desarranjos dentro do paiz, mas tambem no estrangeiro. A proposito da impressão causada na imprensa europeia pelo *ultimatum* e mais crises politicas que se lhe seguiram, e das falsas noticias que corriam ácerca de Portugal, publiquei uma brochura intitulada *Portugal perante a Europa*, em fôrma de carta ao sr. Antonio de Serpa Pimentel, presidente do conselho de ministros.

A sua leitura parece que impressionou o sr. Serpa, porque dias depois s. ex.<sup>a</sup> dirigia-me para Paris uma carta, dizendo-me que me desejava fallar sobre os assumptos da brochura—que tratava da necessidade urgente do governo esclarecer a imprensa europeia ácerca da nossa situação colonial, do que possuímos, do que temos feito e do que tencionamos fazer, bem como da situação agricola e financeira do paiz.

Por essa occasião varios jornaes de Paris me solicitaram artigos *à sensation*, onde eu contasse *les dessous des cartes* da politica portugueza, o estado da monarchia e a extensão que estava tomando o partido republicano. A esses jornaes respondi—que um jornalista no estrangeiro tem de sacrificar as conveniencias e os interesses da sua profissão ao bom nome do seu governo, seja elle qual fôr, porque esse governo personifica a sua patria... E que



nunca da minha penna receberiam dos taes artigos à *sensation*, porque isso seria prejudicar, não o governo, mas o credito do meu paiz, em proveito de aventureiros...

Este estado de coisas, este abandono em que se achava a imprensa de Paris, entregue á mentira e á calumnia dos especuladores de bolsa e outros reptis interlopes, assim como a carta *espontanea* do sr. Serpa Pimentel, decidiram-me a fazer o sacrificio pecuniario d'uma viagem a Lisboa, para mostrar ao chefe do gabinete uma situação que se não podia explicar por cartas.

\* \* \*

Fui a Lisboa, fazendo sacrificios de dinheiro que a minha pobreza me não permite — para cumprir com o meu dever de jornalista e de portuguez.

Fallei com o sr. presidente do conselho, mostrando-lhe quaes os riscos que o Estado estava correndo em Paris, se deixasse por mais tempo a imprensa franceza á mercê dos falsos novelleiros e dos especuladores dos titulos de D. Miguel. O sr. presidente do conselho mostrou-se plenamente d'accordo no meio que me parecia mais razoavel para começar a atalhar o mal; e pediu-me que sobre o assumpto tambem conferenciasse com algumas notabilidades do partido, especialmente com o sr. Hintze.

As notabilidades creio que nunca mais pensaram no caso... E passadas algumas semanas, como vivo do meu trabalho e não á mesa do orçamento — como vive o sr. Antonio Ennes — e como em Lisboa estivesse perdendo tempo e dinheiro, apresentei os meus respeitos ás notabilidades regeneradoras —



então todas absorvidas em eleições — e retirei-me para Paris.

Retirei-me, sem ter solicitado nem ter recebido a menor retribuição pelo serviço e despezas que em minha consciencia de *portuguez* entendi dever fazer a um governo, fosse elle qual fosse, *regenerador* ou *progressista*, *monarchico* ou *republicano*.

Não sei o que são partidos. Só sei que ha um pedaço de terra na Europa que se chama — **Portugal**. Já por mais d'uma vez lhe tenho feito o sacrificio da minha actividade e da minha bolsa. Tambem estou prompto a fazer por elle o sacrificio da minha saude e do meu sangue, quando fôr preciso . . .

\* \* \*

Para o egoismo indigena e lisboêta, para os egoistas do *Correio da Manhã* e do *Dia*, cujos sacrificios por uma ideia são pagos a tanto por mez, pelos orçamentos dos differentes ministerios, ou elles sejam governo, ou elles sejam opposição — este modo de pensar e de proceder é considerado como uma variante da *pose* e mais da toleima . . .

Sabem que mais? abobora! Nós temos uma comprehensão totalmente differente do que é o Dever.

Os senhores combatem todos os dias na imprensa por um logar que appetecem, ou pela vaidade d'uma pasta de ministro. O sr. Chagas quer ser ministro; o sr. Ennes quer ser ministro, toda a gente em Portugal quer ser ministro — para quê? . . . Para dizer á familia e aos amigos:

— «Tambem sou ministro!»

E para ouvir exclamar da boca dos papalvos:

— «Tambem é ministro! . . .»

Depois, como as vaidades são elasticas, tambem



querem ser do conselho d'Estado. E lá no intimo, até gostavam que em Portugal houvesse uma Republica, só para poderem aspirar á presidencia:— serem presidentes, como é o sr. Carnot!

Emquanto que eu faço parte do pequeno grupo dos que combatem pela prosperidade, pela felicidade e pela dignidade d'esse torrão occidental que adoramos, e que desejavamos que fosse, para bem de todos e gloria de todos, mais alguma coisa do que essa banca de batota onde tudo hoje se joga — honra, dignidade, instrucção, credito, colonias e riqueza publica.

Os senhores que estão á banca, fazendo ora *cércos* á Monarchia, ora *saltos* á Republica, zangam-se e enfurecem-se com semelhantes reflexões e semelhantes processos de critica. Não me admira. O mesmo succede n'uma casa de jogo, onde os *pontos* se enfurecem com os indifferentes que vem vêr jogar. E chamam-lhes *callistos*. . . Eu para os senhores sou tambem um *callisto*, apparecendo regularmente todos os sabbados, para vêr o que os senhores jogam, e para rir o meu bocado . . .

Tenham paciencia, amigos!

\*  
\* \*

Voltei para Paris, tranquillo por têr cumprido com o meu dever. O governo, prevenido, que fizesse o que entendesse.

Imaginei que tivesse tomado algumas precauções — quando as leis dictactoriaes contra a liberdade d'imprensa, de reunião e de associação, vieram causar na imprensa franceza o clamor e a gargalhada que todos nós sabemos — para vergonha nossa! E logo em seguida annuncia-se o emprestimo de 9:000



contos, e apparecem nas esquinas de Paris os cartazes injuriosos contra Portugal, por parte dos especuladores de titulos de D. Miguel.

N'esse momento recebo uma carta do sr. presidente do conselho, dizendo-me que ia vêr se resolvia o assumpto sobre que me havia fallado em Lisboa. E que pensa o leitor que fez esta penna que se quer vender?...

Em vez de acolher as boas disposições d'um presidente do conselho, o que podia ser rendoso e assaz lucrativo, respondi o seguinte:

— «E' muito tarde. Os decretos dictatoriaes são uma affronta ás nossas liberdades, e o meu dever é entrar em guerra contra o actual gabinete.»

Pouco depois lançava o primeiro numero do **Espectro**, expressão d'um espirito revoltado contra as odiosas medidas que o governo acabava de tomar com tamanha arrogancia, para vêr se salvava a Monarchia do terror da onda republicana.

\* \* \*

E' a modos de proceder d'esta natureza, a esta resposta a um presidente do conselho, preferindo os incommodos d'uma lucta á perspectiva de serviços bem remunerados pelo governo—que allude o *Dia* do sr. Ennes, órgão das insinuações do sr. Hintze, insinuando que eu quiz vender a minha penna.

Mas em nome de que moral jornalística ou estoicismo politico vem o sr. Ennes fazer semelhantes insinuações?...

Eu é que não quiz pôr a minha penna ao serviço d'um governo que acabava de violar a constituição e de attentar contra as nossas liberdades! Se a quizesse vender, era só ficar á espera das instruc-



ções do sr. presidente do conselho, e deixar correr o marfim!

Qualquer governo terá no estrangeiro o auxilio da minha penna, porque para além das fronteiras não ha partidos a defender—ha só que defender os interesses da patria! Já o provei em varios jornaes, principalmente no *Monde Illustré* de Paris, e sem por isso ter recebido a mais leve retribuição.

Mas quando um governo attentar contra as nossas liberdades; quando um triumvirato, como o dos srs. Lopo, Hintze e Arroyo, quizer dispôr do meu paiz como d'um paiz africano, fazendo de Portugal o ridiculo da Europa, como hoje succede, então faço o que fiz:

- Deixo de prestar o meu apoio a esse governo;
- E venho combater os seus actos, que hão de ser por força maus, porque nunca a historia parlamentar nos mostrou que um governo se servisse da dictadura para fins licitos, justos ou uteis.

---

Agora conversemos com o sr. Ennes, que á minha pergunta no n.º 6 do **Espectro**, na qual lhe pedia o nome do *alguem* que se dizia capaz de me fazer mudar de opinião, responde evasivamente, fallando com ares mysteriosos n'um ministro, e recommendando-me a leitura d'um artigo anonymo que contra mim publicou o *Correio da Manhã*. Ora como os artigos anonymos são sempre da responsabilidade do director do jornal, e como o director do *Correio* é o sr. Pinheiro Chagas, devo concluir que foi o sr. Chagas quem encheu tres columnas do *Correio* para provar aos seus leitores que não mereço consideração—porque não sei grammatica! Não me parece que o crime seja bem negro, atten-



dendo a que não sou professor. Mas o que é para admirar é o sr. Chagas não ser capaz de traduzir uma pagina de grego sem auxilio das *sebentas* francezas, e ter o arrojo de ser *professor de litteratura grega* no Curso Superior de Lettras! Assim tambem eu sou professor d'arabe, mais de sanskrito...

Conversemos com o sr. Ennes.—Em que se baseia a austeridade de S. Ex.<sup>a</sup> para calumniar assim, sem mais nem mais, quem vem para o campo combater pela liberdade e pela justiça?...

Em nome de que direito chama aos outros *vendidos* ou que se querem vender—quando a independencia e a austeridade do sr. Antonio Ennes vivem por conta do orçamento, a tanto por mez?...

Quem quer ser tão austero e tão independente com os outros jornalistas, não admittindo que elles toquem em cinco reis do Estado, dá a sua demissão de *inspector geral* das bibliothecas do reino, e vem para a imprensa viver apenas da sua penna, como eu vivo...

Entre o sr. Antonio Ennes e um Jornalista, ha esta espantosa differença:—o sr. Ennes é um *funcionario do Estado*, vivendo largamente á custa do orçamento, e escrevinhando por prazer, desfastio ou vaidade; emquanto que o Jornalista é como qualquer outro trabalhador, que só tem por officio escrever, e só da sua penna vive.

Quando vemos o sr. Ennes no *Dia* atacar ou procurar ridiculisar o seu chefe hierarchico o sr. conselheiro João Arroyo, ministro da instrucção publica, de quem julga o sr. Ennes que se ri o leitor imparcial e justo?... Do sr. Arroyo?... Está redondamente enganado!

O leitor imparcial e justo ri e encolhe os hombros diante do artigo d'este *funcionario publico*, que vem para a imprensa faltar ao respeito ao seu chefe,



censurando-o, criticando-o, accusando-o, discutindo-o... E não podemos deixar de mostrar uma certa estima ou sympathia pelo ministro, porque outro se serviria da sua situação para chamar ao respeito o seu subordinado.

¶ Porque se o ministro quizesse, bastava ir á Bibliotheca Nacional; lançar uma vista d'olhos para o que por lá vae; certificar-se de que o sr. Ennes não está alli das 9 ás 4 da tarde, porque está na redacção do *Dia* escrevendo insinuações; e logo lhe deixava o seguinte bilhete:

— «Suspenso o inspector geral das bibliothecas por desobediencia publica ao seu chefe, e por não se achar na sua repartição ás horas regulamentares.»

\* \* \*

Ai! austeros do meu coração, a razão de cem e duzentos mil reis por mez! Mas quando virá o dia, o abençoado dia em que um ministro tenha a coragem de pôr tudo isto nos seus eixos, e de dizer aos senhores austeros:

— «O senhor é funcionario do Estado e jornalista politico. Ou uma coisa, ou outra! Funcionario do Estado, não tem o direito de vir para a imprensa discutir e atacar os actos dos seus superiores. Portanto, ou demitta-se de funcionario, ou demitta-se de jornalista!»

Como esse dia da grande limpeza ainda vem longe! Até lá, os raros jornalistas portuguezes que vivem exclusivamente da sua penna, andarão á mercê do jornalista-manga-d'alpaca e do jornalista-official-do-exercito, dizendo todos os dias ao publico, com ares austeros e independentes, ao acabarem de receber a fatia orçamental:



— «Não façam caso do que dizem esses sujeitos. Andam a vêr se algum ministro lhes compra a penna!...»

Ai! sr. Ennes, como tudo entre nós anda de pernas para o ar!

Ora não seria muito mais proveitoso para o paiz e muito mais glorioso para V. Ex.<sup>a</sup> enterrar-se na Bibliotheca — como fez A. Herculano na Ajuda — porque é para isso que o Estado lhe paga tantos contos por anno, — e vêr se põe a direito as collecções antigas e modernas, mais os catalogos, e vêr se faz uma classificação racional e pratica de todas as riquezas que a Bibliotheca possue?... Porque de outro modo, os estudiosos que têm trabalhado na Bibliotheca de Paris e no *British Museum* de Londres, quando alli entram, ou não se entendem com os catalogos, ou saem para a rua com carradas de poeira em cima do fato.

\*  
\* \* \*

Ainda em fevereiro d'este anno — quando fui a Lisboa, como diz o sr. Ennes, para vêr se o governo me queria comprar a penna — entrei na Bibliotheca onde precisava consultar as collecções d'estampas.

Sabe o sr. inspector o que me aconteceu?... Levaram-me ao segundo andar; e n'um casarão impossivel, por entre montes de poeira, fui folheando collecções de preciosas gravuras (lithographia, talhódôce, cobre e agua-forte) — todas ao abandono, sem um catalogo, sem classificação por escôla, auctor, época, ou assumpto!

Vi sobretudo, no mais desgraçado desleixo, uma esplendida collecção de retratos historicos portu-



guezes, talvez a unica tão completa que existe em Portugal, e onde os historiadores e os editores nacionaes encontrariam elementos para publicações do mais vivo interesse historico e artistico...

Pois vão á Bibliotheca, de que é inspector o sr. Antonio Ennes. Subam ao segundo andar, pela escada quasi fronteira ao porteiro que dá as senhas aos leitores. Peçam a chave, e entrem no casarão das estampas, porta á esquerda. E verão como o sr. Ennes, inspector-mór da moral jornalística, inspeciona e olha pelas riquezas artisticas das bibliothecas a seu cargo...

E' uma verdadeira dôr d'alma! Vamos, sr. Ennes! Menos austeridade com os jornalistas que não engordam á mesa do orçamento, que não têm a sua penna ao serviço de qualquer partido ambicioso do poder, mas que a têm sempre prompta para servir a sua patria;— e mais um bocadinho de severidade com aquelle sr. Ennes, *inspector geral* das bibliothecas do reino, que em vez de passar o seu tempo no logar que lhe é pago pelo Estado, passa as horas no *Dia* imprimindo as insinuações que ao ouvido lhe segredam os ministros sem escrupulos, ou faltando ao respeito ao seu chefe hierarchico, o sr. conselheiro João Arroyo...

Porque é preciso que o sr. Ennes comprehenda que, sob um governo independente e justo, que obrigasse os empregados do Estado a cumprirem com os seus deveres, sem se occuparem de politica, como succede n'esta França republicana onde vivo — ou o sr. Ennes havia de ser *funcionario publico*, ou o sr. Ennes havia de ser *jornalista*.

É o que se vê em França; e eram estes costumes politicos que eu desejava vêr introduzidos em Portugal.

Que o gabinete se sirva da dictadura para pôr



em pratica este systema de boa disciplina burocratica, e verá como o applaudo com as mãos ambas.

Vamos, sr. Arroyo! Chame ao bom caminho o seu subalterno, o sr. Antonio Ennes, e verá como passo a applaudil-o!

\* \* \*

Mas os dictadores não ousam!—Não ousam, porque hoje em dia ninguem tem entre nós a comprehensão exacta dos seus deveres e das suas obrigações...

Não se é funcionario do Estado para trabalhar na respectiva repartição—mas para fazer politica e receber o ordenado por inteiro.

Não se é bibliothecario para se ser bibliothecario—o mais bello e o mais nobre emprego que o Estado póde dar a um verdadeiro homem de lettras—mas para ser jornalista.

Não se é official do exercito para se fazer serviço, indo sem repulsão fazer tirocinio para a Africa ou para a India,—mas para viver em Lisboa e fazer *artigos de fundo* nas gazetas do partido. Porque em Portugal ha officiaes, e muitos, que têm o seu partido. Este é *regenerador*, aquelle é *progressista*, aquell'outro é *republicano*!

Não se é deputado para apresentar ou discutir projectos de lei, e para defender os interesses moraes e materiaes do seu circulo—que ás vezes nem mesmo conhecem!—mas para ostentar galas oratorias, como se a *camara* fosse uma succursal da Academia das Sciencias; dizer *apoiado*! a tudo quanto o ministro diga; e votar tudo quanto manda o governo.

Não se é ministro para vigiar escrupulosamente pela administração publica, pelas necessidades do



paiz e pelo dinheiro dos contribuintes,—mas para dar chorudas commissões e nichos bem rendosos aos galopins do partido, aos diffamadores que redigem os jornaes do partido, e aos afilhados dos grandes influentes eleitoraes.

Ha excepções... Mas tão raras são, que até os que procuram cumprir com os seus deveres se julgam ridiculos, e são alvos das troças dos egoistas, acabando por fazer o que os *outros* fazem—que é augmentar a desmoralisação e o impudor em todas as camadas politicas e sociaes.

\*  
\* \* \*

E assim vamos indo aos baldões — insultados e roubados pelos inglezes e pelos agiotas; empobrecidos pelo funcionalismo e pelo militarismo; augmentando sempre as despezas e o numero das carraças orçamentaes; arrazando os contribuintes, arrazando o commercio, as novas industrias que se queiram fundar no paiz, e mais a agricultura, com impostos sobre impostos; e tudo isto sem ninguem saber ao certo para onde vamos — se para a bancarrota, se para uma tutela de crédores estrangeiros, como aconteceu com o Egypto!

Hoje, passamos pelas maiores humilhações dos banqueiros estrangeiros, para que nos emprestem 4:500 contos, dos 9:000 contos a que se haviam compromettido. A'manhã, havemos de dar de mão beijada a algum syndicato francez, inglez ou allemão, alguma riqueza inexplorada das nossas colonias d'Africa, — para que nos emprestem mais 9:000 contos para as novas despezas e phantasias guerreirãs que se estão preparando no ministerio da guerra...



E quando um jornalista sem politica, sem partido, sem emprego do Estado, ousa vir para a imprensa — seu unico modo de vida e sua unica profissão — criticar, discutir ou satyrisar o que vae vendendo, o que vae lendo e o que se está passando, os proprios jornalistas que se dizem *liberaes* e que se dizem *oposição* a este governo ou a este estado de coisas, correm logo a insinuar no espirito do publico, que esse jornalista, se assim escreve e assim critica, — é porque ainda não encontrou ministro que lhe comprasse a penna!

\* \* \*

Francamente, que não sei — nem nunca hei de saber — o que é que esses senhores moralistas e liberalões da mesa do orçamento, entendem pela palavra *politica*, e pela palavra *jornalismo*.

Muito gostava que algum d'esses austeros pontifices da nossa imprensa politica, me dissesse, sériamente e serenamente, — por que razão elles gozam do direito de escrever, e por que razão me negam esse direito.

Elles querem escrever, criticar e até legislar, mas não querem que a outrem assista o direito de lhes analysar e criticar os actos publicos, mais as ideias!

Mas por acaso a politica portugueza é monopolio exclusivo d'esses senhores? ... Foi a divina Providencia, foi o Rei, foi o Parlamento que lhes deu o exclusivo da critica? ... Que concurso é preciso fazer? que curso é preciso seguir? que diploma é preciso obter ou comprar? ...

Vamos! expliquem a mysteriosa operação, para ficarmos entendidos para sempre... Digam-me o que é preciso que eu faça, para haver o direito de



ter todos os sabbados uma opinião sobre a politica portugueza. O que não é muito — uma opinião por semana — quando os senhores se permitem o luxo de ter uma opinião, mesmo uma opinião bastante avariada, todos os dias!

E' preciso filiar-me n'um partido e receber a penna cardinalicia das mãos do conselheiro Aca-cio?...

Quem foi o grão-lama que armou jornalista politico o sr. Pinheiro Chagas ou o sr. Alberto Pimentel?... Por que processos de endosmose e exosmose, ou por que artes de berliques e berloques foi feito jornalista politico o sr. Antonio Ennes ou o sr. Sergio de Castro?... Quem é o Deus ou o Diabo, o physico ou o barbeiro, encarregado em Portugal de injectar a presciencia politica aos jornalistas que queiram permittir-se a liberdade de discutir o *bill* ou de fazer cocegas á dictadura?...

Digam-me quem elle é, onde está, onde mora, e quanto leva pela injeção, — que eu quero partir immediatamente para Lisboa, e ficar assim apto, sagrado e injectado, para ter o direito de escrever sobre politica, e de os discutir aos senhores...

Mas desde já os previno que nunca me servirei dos vossos processos de calumnia, de diffamação, de insolencia e de grosseria, para ter que combater as vossas ideias — se as tendes.

Dou-vos de presente a lama, pois que para vos atacar lealmente, de cara descoberta, sem me esconder por detraz do covarde anonymo, basta-me apenas — tinta fresca, papel limpo e penna d'aço!...

*Mariano Pina.*